

Lula fica cada vez mais sozinho

A192078

Depois de perder vários assessores de peso no governo, o Presidente decidiu comandar sua campanha eleitoral

BRASÍLIA – Cada vez mais sozinho e amargando há quase um ano perdas sistemáticas de colaboradores importantes da campanha de 2002 e do início do governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu que comandará ele próprio a campanha pela sua reeleição.

O principal desafio do Presidente é estabelecer uma sintonia fina entre ele e o PT, patrocinador do escândalo do mensalão e do caixa dois.

Consciente de que poderá ter problemas na área política, Lula ainda busca um modelo de coordenação que garanta a continuidade do governo e lhe permita tocar a campanha.

Tanto nessa área como na econômica, o Presidente terá que trabalhar com um novo grupo de petistas, formado por pessoas que tiveram papel secundário em 2002.

Com a crise do mensalão, Lula perdeu seu maior articulador político, José Dirceu; perdeu o fiel aliado Aldo Rebelo (PCdoB-SP), que teve que ser deslocado do ministério para a presidência da Câmara depois da renúncia do ex-deputado Severino Cavalcanti; e semana passada teve que concordar com a saída do ex-ministro da Relações Institucionais Jaques Wagner, que vai disputar o governo da Bahia.

Lula sabe que o ministro Tarso Genro, substituto de Wagner, não era a melhor escolha para o cargo, por seu perfil polêmico e de constantes atritos com os próprios petistas.

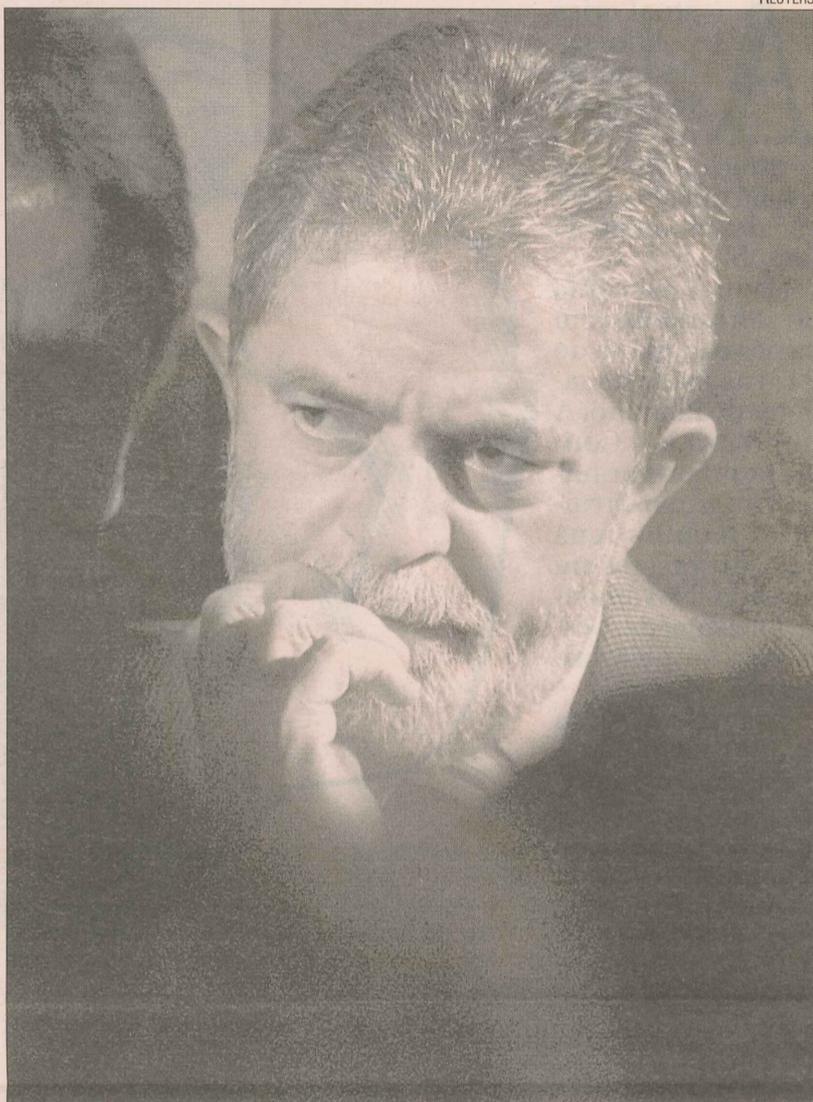
É diante desse quadro que o

Tucanos vão atrás do PMDB

BRASÍLIA – O fim do prazo de desincompatibilização para os candidatos a cargos eletivos, na sexta-feira, começou a dar contornos mais claros ao quadro eleitoral deste ano deflagrando as costuras para as alianças estaduais.

A situação do PMDB é a única que continua pendente, mas diante da tendência do partido de enterrar a pré-candidatura de Anthony Garotinho à Presidência, o PSDB não perdeu tempo e já iniciou conversas que poderão garantir alianças com os peemedebistas nos três principais colégios eleitorais do País: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

De olho no espólio de Garotinho, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso fez os pri-



Lula enfrenta o desafio de manter sintonia com o PT

Presidente deve redimensionar a coordenação política do Palácio do Planalto, exigindo mais dos ministros Dilma Rousseff, da Casa Civil, e Luiz Dulci, da Secretaria Geral da Presidência.

Dulci, o único do núcleo original de campanha e da primeira fase do governo que permanece com Lula, deve ganhar missões políticas.

Na área econômica, apesar do baque pela queda do ex-todo-poderoso ministro da Fazenda Antonio Palocci, o presidente considera que a situação não fugirá do controle.

O presidente do PT, deputado Ricardo Berzoini (SP), que vai ficar no comando formal da campanha, sabe que, desta vez, acima de tudo e de todos estará o presidente Lula.

meiros contatos com o ex-governador do Rio.

Embora ainda resista a jogar a toalha e prometa brigar até o fim para manter sua candidatura na convenção do PMDB, Garotinho antecipou que poderá apoiar qualquer adversário, menos Lula.

Diante da recusa do prefeito do Rio, Cesar Maia, do PFL, a disputar o governo do estado, o candidato tucano à Presidência, Geraldo Alckmin, procurou o senador Sérgio Cabral Filho (PMDB-RJ) e sinalizou com a hipótese de uma aliança ampla em torno de sua candidatura à sucessão de Rosinha Garotinho. Essa seria a base de um acordo com Garotinho.

General nega exaltação ao golpe militar

BRASÍLIA – O Comandante do Exército, general Francisco Albuquerque, disse à Agência Estado que houve “deturpação” da Ordem do Dia distribuída às unidades militares, alusiva ao 42.º aniversário do movimento militar de 31 de março.

Ele disse que o texto da nota foi apresentado e aprovado pelo vice-presidente e então ministro da Defesa, José Alencar, há 15 dias.

O comandante do Exército ressaltou que o seu objetivo com a nota “foi falar da participação do Exército na história do Brasil desde Guararapes e enaltecer a conciliação e a democracia”.

O comandante não disse, mas, segundo informações obtidas no Planalto, Alencar falou com Albuquerque ontem e o apoiou, reconhecendo que a nota foi de “entendimento, de compreensão e de colocação de 64 inserido no Exército e na história do País”.

“Não estão querendo entender a nota. Não falamos só de 31 de março. Falamos da história. A nota é clara. É de integração, de união, de busca de conciliação da sociedade. Enaltecendo a democracia”, comentou.

O general Albuquerque comentou que não está pedindo desculpas pela nota. “Não pode ficar a idéia que fiz a nota e a estou justificando”, reforçou.